

João de Mancelos

(Universidade Católica Portuguesa / Fundação para a Ciência e a Tecnologia)

### **O Rumor de Versos Antigos:**

#### **A Presença de Walt Whitman na Poesia de Eugénio de Andrade**

**Resumo:** A poesia de Eugénio de Andrade foi permeável à influência de diversos autores nacionais e estrangeiros. Entre estes últimos, destaca-se o poeta norte-americano Walt Whitman. Nesta comunicação, identifico marcas temáticas e intertextuais, para provar e mostrar como Eugénio e Whitman partilham ideias semelhantes acerca de: a) unidade cósmica; b) igual importância entre o corpo e o espírito; c) a poesia como força social e política. Invocando a obra de ambos os autores e estudos de críticos reputados, demonstrarei como Eugénio apropria *criativamente* a obra whitmaniana.

**Palavras-chave:** Eugénio de Andrade, Walt Whitman, intertextualidade, unidade cósmica, poesia interventiva.

**Title:** “The murmur of old rhymes”: The Presence of Walt Whitman in the poetry of Eugénio de Andrade.

**Abstract:** The poetry of Eugénio de Andrade was permeable to the influence of several Portuguese and foreign writers, namely Walt Whitman. In this paper, I identify various thematic and intertextual aspects, in order to prove and show how Eugénio and Whitman share similar ideas about: a) cosmic unity; b) identical importance of body and soul; c) poetry as a social and political force. By resorting to the literary production of both writers and several studies on their work, by reputed critics, I intend to show how Eugénio *creatively* appropriates Whitman’s poetry.

**Keywords:** Eugénio de Andrade, Walt Whitman, intertextuality, cosmic unity, interventionist poetry.

### **1. O poeta é uma gralha**

Ao ler e reler os livros de poesia de Eugénio de Andrade (1923-2005), experimento frequentemente uma curiosa sensação de *déjà vu*. Certos versos ecoam com nitidez as vozes de William Shakespeare (1564-1616), John Keats (1795-1821), Walt Whitman (1819-1892), William Butler Yeats (1865-1939), Wallace Stevens (1879-1955), Edward Estlin Cummings (1894-1962) e outros nomes maiores do cânone anglo-americano. Tal ocorre porque Eugénio

*apropriou*, de forma criativa, palavras, ideias e temas dos seus escritores dilectos — para do velho fazer novo, e do alheio fazer seu. Trata-se de uma inevitabilidade, própria de qualquer poeta atento que, consciente e inconscientemente, é permeável às influências. Neste sentido, todo o autor é uma gralha, colecionando versos, pérolas e brilhantes de outros, com os quais constrói e arranja o seu ninho.

No volume de meditações *Rosto Precário* (1979), Eugénio declara que o bardo de Long Island constitui uma fascinação antiga, e acrescenta: “Curiosamente, em Whitman não foi só a poesia que me seduziu, foi também a personalidade, que é inseparável de quanto o poeta escreveu, naturalmente” (Andrade 1995: 184). Noutra obra, *À Sombra da Memória* (1993), o poeta confessa que Whitman deteve, na sua escrita, “uma importância que pouquíssimos mais tiveram” (Andrade, 1993: 27). É possível que esta estima literária surgisse, embrionariamente, através da leitura de Alberto Caeiro, cuja filosofia ecoa as páginas mais líricas de *Leaves of Grass* (1855-1892), a obra-prima de Whitman, acrescentada e reescrita ao longo da vida. Acredito ainda que o fascínio se desenvolveu durante um Estio passado com amigos, nas dunas de Fão, quando Eugénio mergulhou nas páginas de “Song of Myself”, e sentiu a euforia de partilhar a alma com o universo (Andrade 1993: 12, 14). Afinal, como permanecer indiferente a um poeta que marcou Fernando Pessoa (1888-1935), D. H. Lawrence (1885-1930), Allen Ginsberg (1926-1997) ou Pablo Neruda (1904-1973)?

Nesta comunicação, interessa-me compreender essa influência, mostrando como Eugénio e Whitman partilhavam ideias semelhantes acerca de: a) unidade cósmica; b) igual importância entre o corpo e o espírito; c) a poesia como força social e política.

## **2. Unidade cósmica**

Uma anedota antiga conta que, numa reunião de transcendentalistas, um membro da assistência levitou na cadeira em que se sentava, para assombro do público. Só voltou a descer quando lhe explicaram que o transcendentalismo era uma corrente literária e filosófica, fundada por Ralph Waldo Emerson (1803-1882), e não um clube de médiuns (Cunliffe 1986: 115). No entanto, a confusão do flutuante espectador tem alguma razão de ser, se pensarmos na componente mística deste movimento, que tanto deve à filosofia de Platão; ao Cristianismo (Emerson foi um pastor unitário); às várias confissões orientais; e ao panteísmo naturalista dos ameríndios (Miller 1950: 8).

Neste contexto, há um princípio basilar do transcendentalismo que me interessa em particular: a unidade que interliga todos os seres humanos e o cosmos (Spanckeren 1995: 26-

27). Emerson explica esse conceito com inigualável beleza no primeiro volume de *Essays* (1841): “[...] within man is the soul of the whole; the wise silence; the universal beauty, to which every part and particle is equally related; the eternal ONE” (Emerson 1987: 1050).

Este tema é um dos mais recorrentes na obra poética e não poética de Whitman e de Eugénio. Em “A Backward Glance o’er Travel’d Roads”, o escritor norte-americano revela acreditar profundamente na unidade com o universo: “[...] I fully believe in a clue and purpose in Nature, entire and several; and that invisible spirit results, just as real and definite as the visible, eventuate all concrete life and all materialism, through Time” (Whitman 1986: 582). Como tal, o poeta lamenta o binarismo (corpo/alma, bem/mal, eu/outro) que percorre o pensamento ocidental e profetiza a unidade: “The diverse shall be no less diverse, but they shall flow and unite” (Whitman 1986: 447).

Na mesma linha, Eugénio reitera a coesão entre os homens e o ambiente: “[...] esse ser sedento de ser, que é o poeta, tem a nostalgia da unidade, e o que procura é uma reconciliação, uma suprema harmonia entre luz e sombra, presença e ausência, plenitude e carência” (Andrade 1995: 15). Para tanto, critica o pensamento analítico, ao afirmar: “Nunca nenhum dualismo serviu bem o poeta. Esse ‘pastor do Ser’ [...] é, como nenhum outro homem, nostálgico de um antiga unidade” (Andrade 1995: 19).

Para os transcendentalistas e seus seguidores, esta unidade cósmica é tão intensa e perfeita que o corpo humano é, por um lado, uma parte do cosmos e, por outro, *metaforicamente*, o próprio universo. Não estranha que, no poema “Song of Myself”, o bardo de Long Island se apresente aos leitores com este célebre verso, sabido de cor por tantos professores, alunos e outros amantes das letras: “Walt Whitman, *a kosmos*, of Manhattan the son” (Whitman 1986: 86, *itálico meu*).

Similarmente, numa entrevista recolhida em *Rosto Precário* (1979), Eugénio argumenta: “[...] na minha poesia, o corpo insurge-se, diz coisas despropositadas, põe-se a blasfemar, chegando a pretender-se metáfora do universo” (Andrade 1995: 67). Esta última expressão — “metáfora do universo” — é importante pois, como terei oportunidade de demonstrar, o corpo em Eugénio é *fluído*, ora representando elementos da natureza ora se transformando neles, à maneira dos poetas transcendentalistas.

Para justificar a unidade com o universo, Whitman argumenta que cada um de nós é constituído por determinados elementos químicos comuns aos que se encontram no solo e na atmosfera: “My tongue, every atom of my blood, form’d from this soil, this air” (Whitman 1986: 63). Tal ideia surge reiterada quando o sujeito poético afirma *incorporar* — no sentido mais preciso do termo, isto é, *integrar no corpo* — componentes semelhantes aos dos

minerais, plantas e animais: “I find I incorporate gneiss, coal, long-threaded moss, fruits, grains, esculent roots / And I am stucco’d with quadrupeds and birds all over” (Whitman 1986: 94). Num dos trechos mais conhecidos de “Song of Myself”, Whitman assemelha mesmo os cabelos e pêlos às ervas, recordando ao Homem a sua ligação à terra:

Tenderly will I use you curling grass,  
It may be you transpire from the breasts of young men,  
.....  
This grass is very dark to be from the white heads of old mothers.  
Darker than the colorless beards of old men,  
Dark to come from under the faint red roofs of mouths  
(Whitman 1986: 68).

Assim, na poesia whitmaniana, ocorre o que poderíamos definir como uma *vegetalização* do corpo, isto é, a transformação da carne humana numa determinada flor, planta ou árvore.

A unidade entre o ser humano e o cosmos também marca presença na obra de Eugénio. Tal como sucede em Whitman, o sujeito poético relaciona-se, integra-se e dissolve-se naquilo que o rodeia: rios, mar, pedras, areias, vento, plantas, etc. Gastão Cruz, num ensaio sobre a metáfora na lírica eugeniana, reflecte sobre este fenómeno: “Esta sobreposição, ou interpenetração, ou contiguidade entre o corpo e os demais elementos da natureza é permanente nos versos de Eugénio de Andrade e quase poderíamos dizer que não existe um poema em que ela se não manifeste” (Cruz 2005: 122).

Atraem-me sobretudo os textos onde é empregue a *vegetalização*, como sucede no livro *As Mãos e os Frutos* — título que associa nitidamente o corpo humano e o reino vegetal. Detectei inúmeros exemplos, que se completam e iluminam, numa teia de recorrências: “Ó mãos da minha alma, / flores abertas aos meus segredos” (Andrade 2005: 19); “Somos como árvores” (Andrade 2005: 20); “Somos folhas breves onde dormem / aves de sombra e solidão” (Andrade 2005: 28); “Como frutos de sombra sem sabor, / vamos caindo ao chão apodrecidos” (Andrade 2005: 33), etc. Talvez o caso mais conseguido se encontre no poema “Green God”, onde as expressões e gestos humanos surgem de tal modo *vegetalizados*, que o deus verde — tão diferente do deus *escuro* de David Herbert Lawrence (1885-1930) — lembra mais uma árvore do que uma pessoa:

Andava como quem passa  
sem ter tempo de parar.  
Ervas nasciam dos passos,  
cresciam troncos dos braços

quando os erguia no ar  
(Andrade 2005: 23).

Tal processo de vegetalização amplia-se e ganha dinamismo noutras obras de Eugénio. Por exemplo, o poeta recorre aos ciclos sazonais da flora para ilustrar sentimentos tão dolorosos quanto o da separação. Por exemplo, em “Vegetal e só”, texto de *As Palavras Interditas* (1951), o amado suplica melancolicamente à sua ex-paixão, que se solte dele, como uma folha se deslacha de uma árvore:

É outono, desprende-te de mim.  
.....  
Deixa-me só, vegetal e só,  
correndo como um rio de folhas  
para a noite onde a mais bela aventura  
se escreve exactamente sem nenhuma letra  
(Andrade 2005: 62).

Versos como estes revelam uma interdependência profunda entre as pessoas e a natureza: por um lado, anima-a de sentimentos humanos; por outro, atribui-nos características comuns às plantas. Tal só é possível porque a mente talentosa do poeta, num esforço de abstracção e criatividade, reconhece os laços antigos que unem todos os seres, no contexto de uma insolvência cósmica.

### **3. A igual importância entre o corpo e o espírito**

A unidade cósmica implica que, dentro de cada pessoa, o binómio corpo e alma, tão disjunto na sociedade ocidental, deixe de fazer sentido. Não é fácil aceitar esta ideia, sobretudo quando a religião e a cultura sobrepõem o espírito (dito incorruptível e eterno) à matéria (vista como perecível e fonte de pecado). Whitman é claro ao afirmar o valor e a paridade de ambos: “I have said that the soul is no more than the body, / And I have said that the body is no more than the soul” (Whitman 1986: 121); ou ainda: “I believe in you my soul, the other I am must not abase itself to you, / And you must not be abased to the other” (Whitman 1986: 67).

Na linha de Whitman, Eugénio insurge-se contra a cisão entre o corpo e o espírito (Andrade 2005: 521). Numa entrevista intitulada “Da Palavra ao Silêncio”, à questão “Digam-nos porque dá a sua poesia tanta importância ao corpo?”, replicou:

A importância que o corpo assume nos meus versos radica no desejo de dignificar

aquilo que no homem mais tem sido insultado, humilhado, desprezado ou corrompido, pelo menos de Platão para cá. Digo corpo onde outros dizem espírito, porque todo o pensamento desencarnado me faz horror (Andrade 1995: 40).

Embora o poeta norte-americano preconize a igualdade entre o corpo e a alma, diversas gerações de críticos têm notado que valoriza provocatoriamente o primeiro. Em estrofes que contribuíram para a sua fama de poeta herético, e lhe valeram a retirada de circulação de *Leaves of Grass* (Greenspan 1995: XIII), Whitman afirma que o odor do suor é superior a todas as religiões:

I do not press my fingers across my mouth,  
I keep as delicate around the bowels as around the head and heart,  
Copulation is no more rank to me than death is  
.....  
The scent of these arm-pits aroma finer than prayer,  
This head more than churches, bibles and all creeds  
(Whitman 1986: 87).

Também Eugénio — conhecido como o poeta do corpo (Nava 1987: 19-20) — enfatiza as experiências sensuais. Uma leitura atenta demonstra esta relevância em textos como “O Lugar mais Perto”, onde a carne parece ser eterna e a alma é perecível:

O corpo nunca é triste;  
o corpo é o lugar  
mais perto onde o lume canta.  
É na alma que a morte faz a casa  
(Andrade 2005: 496).

Em “Coração do Dia”, a alma é interpelada, com uma pontinha de sarcasmo, quase como se o poeta pressentisse o ciúme desta em relação ao corpo:

Alma: nada te dói?  
Não te dói nada, eu sei;  
agora o corpo é formosura  
urgente de ser rio:  
ao meu encontro voa  
(Andrade 2005: 89).

Trata-se de uma dessas deliciosas provocações ou subversões com que, por vezes, Eugénio gosta de surpreender o leitor e de o fazer reflectir acerca de preconceitos.

#### **4. A poesia como força social e política**

Se cada um de nós é parte de um todo, então o que sucede a um indivíduo afecta todos os outros, e tal interdependência implica a responsabilidade de nos zelarmos mutuamente. Whitman chamou Democracia a este amor fraterno e social, e pugnou tanto por ela que lhe foi dado o epíteto de “messias democrático” (Miller 1971: 12). O autor argumentava que promoção dos ideais da Democracia não cabia apenas aos políticos, mas também aos educadores e aos poetas. No ensaio “Democratic Vistas, and Other Papers”, defendia: “I say democracy can never prove itself beyond cavil, until it founds and luxuriantly grows its own forms of art, poems, schools, theology, displacing all that exists, or that has been produced anywhere in the past” (Whitman 1970: 10).

Defensor das mulheres, que considerava iguais aos homens; dos negros e dos imigrantes; dos saudáveis e dos doentes; dos pobres e dos ricos, Whitman tornou-se um Cristo e fez da sua poesia uma ceia de solidariedade:

This is the meal equally set, this the meat for natural hunger,  
It is for the wicked just the same as the righteous,  
I make appointments with all,  
I will not have a single person slighted or left away,  
The kept-woman, sponger, thief, are hereby invited,  
The heavy-lipp'd slave is invited, the venerealee [sic] is invited;  
There shall be no difference between them and the rest  
(Whitman 1986: 81).

Também Eugénio se assume como um poeta de intervenção, arredado de partidos políticos, mas nem por isso menos atento aos desenvolvimentos da democracia que teve oportunidade de ver nascer, depois da Revolução de Abril. Como afirma em *Rosto Precário* (1979): “Temporal, por excelência, a palavra do poeta é uma palavra *preocupada*. Ele sabe que o seu trabalho é preservar, sem os corromper, uns sinais que, apesar de frágeis, têm a força prodigiosa de revelar o homem ao homem” (Andrade 1995: 50). Na mesma linha, ao definir os seus versos, afirma: “É uma poesia anti-institucional, que recusa toda a iniquidade, escrita de costas para a moral vigente, desinserida de práticas religiosas comuns [...]; numa palavra, uma poesia de contestação [...].” (Andrade 1995: 143).

Como poeta e cidadão, Eugénio *preocupou-se* — para usar o seu termo — em defender determinadas causas intrínsecas à democracia moderna. Folheando a sua obra, encontramos inúmeros exemplos de um combatente que fez da palavra uma arma: saudou o fim do fascismo (Andrade 1995: 76); criticou o belicismo, protagonizado pelos militares, a quem apelida de “galos de Barcelos, / igualmente bravos, igualmente inúteis” (Andrade 2005:

241); demonstrou “horror a toda espécie de clericalismo” (Andrade 1995: 167); denunciou o colonialismo, que submeteu e exterminou povos culturas (Andrade 1995: 76-77); advertiu para o risco de um conflito atômico (Andrade 1995: 141); alertou para “a poluição industrial, a poluição turística, a poluição nuclear” (Andrade 1993: 156); e manteve uma “fidelidade à terra onde mergulha as raízes mais profundas” (Andrade 1995: 17).

Tal como Whitman, Eugénio pugnou pelos “valores culturais e civilizacionais do homem” (Andrade 1995: 194) — algo que ultrapassa qualquer programa político e lança o poeta na esfera do compromisso com o seu semelhante.

## 5. Conclusão

No conto “O Livro de Areia” (1975), do escritor argentino Jorge Luís Borges (1899-1986), o protagonista folheia uma obra onde nenhuma página parece ser a primeira e nenhuma é a última. Como por magia, a numeração altera-se, e os textos e as imagens mudam de sítio, desconcertando o leitor mais atento. Trata-se de uma bela imagem para descrever a intertextualidade: ignoramos quem escreveu a página inicial, porque um autor reescreve sempre outro, numa sucessão quase infinita. Na mesma linha, nenhuma página será a última, porque a voz de Whitman na polifonia de Eugénio ressoará certamente na obra dos poetas vindouros. Quer tenha lido o autor de *Leaves of Grass* em primeira mão, quer o tenha conhecido primeiramente por influência de Pessoa, Eugénio transformou com imaginação temas e palavras do seu antecessor. E, atrevo-me a dizê-lo, é destas paixões deliciosamente promíscuas que se dá à luz e a lume a melhor das poesias.

## Bibliografia

### 1. Bibliografia activa

ANDRADE, Eugénio de (1993) *À Sombra da Memória*. Porto, Fundação Eugénio de Andrade.

----- (1995 [1979]) *Rosto Precário*. 6ª ed. Porto, Fundação Eugénio de Andrade.

----- (2005) *Poesia*. 2ª ed. revista e acrescentada. Posfácio de Arnaldo Saraiva. Porto, Fundação Eugénio de Andrade.

EMERSON, Ralph Waldo (1987 [1841]) “The Over-Soul”. Em: Donald McQuade (ed.) *The Harper American Literature*, vol. 1. New York, Harper and Row: 1049-1060.

WHITMAN, Walt[er] (1986) *The Complete Poems*. Penguin Classics Series. London, Penguin Books.

----- (1970 [1871]) *Democratic Vistas, and Other Papers*. London, W. Scott Pub.

### 2. Bibliografia passiva

CRUZ, Gastão (2005) “Função e Justificação da Metáfora na Poesia de Eugénio de Andrade”. Em: José da Cruz Santos (coord.) *Ensaios sobre Eugénio de Andrade*. Porto, Asa: 118-125.

CUNLIFFE, Marcus (1986 [1954]) *The Literature of the United States*. 4<sup>th</sup> ed. New York, Penguin Books.

GREENSPAN, Ezra (1995) *The Cambridge Companion to Walt Whitman*. Cambridge, Cambridge University Press.

MILLER, Perry (1950) *The Transcendentalists*. Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press.

MILLER, F. De Wolf (1971) "The Partitive Studies of Song of Myself". *American Transcendental Quarterly* (Rhode Island University, EUA). N° 12: 11-17.

NAVA, Luís Miguel (1987) *O Essencial sobre Eugénio de Andrade*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda.

SPANCKEREN, Kathryn Van (1995) *An Outline of American Literature*. Washington, United States Information Agency.